

Brincar para desenvolver habilidades



Projeto de pesquisa acompanha a aquisição de habilidades manipulativas de crianças de 6 a 12 meses por vídeos gravados pelos pais e detecta que alguns bebês podem apresentar

um certo grau de instabilidade do padrão conforme buscam alcançar a postura ereta e ficar em pé.

Pág. 3

Páginas de melancolia

Pesquisador estuda personagens melancólicos na Literatura universal de diferentes épocas e movimentos literários, aplicando ideias de Freud para analisá-los.

Pág. 8.

Uma Psicanálise “invocante”

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

Como as manifestações de Arte podem alcançar a subjetividade individual e contribuir não só para a formação do estudante, mas também em sua atuação profissional

O pintor, poeta, escritor e professor suíço Paul Klee (1879-1940) disse certa vez: “A Arte não reproduz o que vemos. Ela nos faz ver”. A ideia encontra algum eco na proposta do professor Leandro Anselmo Todesqui Tavares (foto) (Departamento de Psicologia e Psicanálise), coordenador do projeto de formação complementar “Por uma Psicanálise invocante: clínica, arte-cultura, sociedade”, em execução há mais de dois anos.

O professor tem o mesmo tempo de UEL, ou seja, implantou o projeto logo que ingressou na instituição. Ele já planeja expandir as atividades criando um projeto análogo, mas de pesquisa, pelo qual pode conseguir colaboradores bolsistas. Segundo Leandro, o projeto nasceu de uma linha de pesquisa que ele começou a seguir após seu Doutorado, defendido em 2014 na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (SP). O trabalho, intitulado “Psicanálise e Musicalidade(s): Sublimação, Invocações e Laço



Social”, já indicava uma palavra-chave: “invocações”. A tese virou livro em 2020 e recebeu duas indicações: 7º Prêmio da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU) 2021 e no Prêmio Jabuti e Livro do Ano 2021.

PULSÃO INVOCANTE

No projeto, Leandro parte do conceito de “pulsão invocante”, proposto pelo psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981), um dos cânones da área. Na Psicanálise, as pulsões são impulsos, cargas psíquicas que orientam o comportamento dos indivíduos, como descreveu Sigmund Freud (1856-1939). Lacan acrescentou a pulsão invocante,

ativada pelo som da voz, e que para ele ativa a cadeia significativa no processo de formação do sujeito, ajuda a estruturar seu psiquismo. O professor dá um exemplo clássico: a voz da mãe para o filho bebê. “Para a criança, a voz é música. É algo que o chama à vida”, explica.

Existem muitos estudos sobre esta propriedade psíquica de “chamamento” da voz, e outros sobre as mesmas propriedades na música, como já confirmou o professor em sua pesquisa de Doutorado. Mas ele quer mais, e indaga: e as outras formas de estética, de arte? A pesquisa não é incipiente: Leandro informa que já submeteu o artigo de um aluno para publicação e está preparando outro, com novos conceitos.

O coordenador do projeto lembra que Lacan afirmou, certa vez, que a arte é uma espécie de “catadora de migalhas” (ou de restos), no sentido que se apropria de fragmentos da realidade para criar e se expressar. Ou, nas palavras de Klee, a arte “nos faz ver”. E por que é “invocante”? Porque é capaz de fazer alguém sentir o que nunca sentiu antes, despertar (= invocar) um sentimento.

De acordo com Leandro, esta linha pode ser uma boa resposta àquilo que ele chama de “vazio psíquico contemporâneo”, o desalento constatado numa era de comunicação e informação em excesso, que redundava em solidão, relacionamentos precários e desinformação. O professor propõe ainda uma abordagem não ortodoxa, ou seja, ser lúdico, sorrir, usar o humor. “Por que não um analista bem humorado, ao invés daquele estereótipo?”, indaga. Enfim, o antídoto para este desalento é justamente a arte, que pode refinar a subjetividade e ajudar a reduzir a frustração da vida contemporânea.

Para se aprofundar nestes estudos, os participantes do projeto fazem encontros quinzenais – não interrompidos durante a quarentena e a suspensão das aulas presenciais – de três horas, quando realizavam apresentações teóricas mas também com cuidado estético e muita criatividade. “Teve de tudo: rock dos anos 60, literatura, músicas de protesto, entre outras manifestações estéticas”, informa Leandro.



Expediente

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

Reitora: **Marta Regina Gimenez Favaro**
Vice-Reitor: **Airton Petris**

com Coordenadoria de Comunicação Social

UEL - Campus Universitário - C.P. 6001
CEP 86051-990 - Londrina, PR
Contato: (43)3371-4361 e (43)3371-4115
noticia@uel.br

Coordenador: **Beatriz Silvério Botelho**
Editor: **José de Arimathéia**
Redação: **Pedro Livoratti, Vitor Struck**
e **Willian C. Fusaro**
Diagramação/Editoração: **Moacir Ferri**

Ninguém segura este bebê!

Projeto avalia o desenvolvimento de habilidades manipulativas, como segurar com força, arremessar e carregar pequenos objetos, em bebês entre 6 e 12 meses

VITOR STRUCK

Alcançar e arremessar objetos, segurá-los com força muitas vezes superior à necessária e soltá-los de acordo com a sua vontade são habilidades manipulativas esperadas em bebês durante o transcurso do seu primeiro ano de vida. Buscando acompanhar a aquisição destas habilidades com o objetivo de entender como é o desenvolvimento da preensão manual nesta fase, duas docentes do Centro de Educação Física e Esporte da UEL (CEFE) decidiram desenvolver estudos utilizando vídeos gravados pelas próprias famílias ao longo do segundo semestre de vida dos seus pequenos.

Os resultados preliminares mostram que alguns bebês podem apresentar um certo grau de instabilidade do padrão das suas habilidades manipulativas conforme buscam alcançar a postura ereta e permanecer equilibrados em pé.

Iniciado em meio a um momento de grande preocupação com o avanço da Covid-19, em maio de 2021, o projeto de pesquisa “Desenvolvimento da Coordenação de Habilidades Manipulativas de Bebês entre 6 e 12 meses de Idade” também foi criado com o objetivo de entender se os períodos de maior convívio em casa forçado pelo isolamento social estariam influenciando no desenvolvimento destas habilidades.

O projeto foi coordenado pela professora Josiane Medina Papst e tem como colaboradora a professora Laísila Camila da Silva, que deu início aos estudos sobre as habilidades manipulativas dos bebês em seu Mestrado na UEL.

As professoras contam que seis famílias concordaram com o desafio de registrar semanalmente, durante seis meses, os momentos de lazer e brincadeiras com seus bebês. Desta forma, vídeos de 15 a 20 minutos eram produzidos e enviados pelos pais ou cuidadores para compor a análise da pesquisa.

Os participantes foram divididos em dois grupos. O primeiro recebeu um kit de brinquedos contendo cubos, bolas e chocalhos. Já o segundo grupo foi orientado a utilizar os próprios brinquedos da casa sem necessariamente haver o afastamento dos materiais da residência à disposição do alcance das crianças, desde que, obviamente, não representassem riscos. O objetivo foi entender se era possível verificar uma progressão nestas habilidades.

Esperava-se que eles fizessem mais alcances bimanuais (com as duas mãos) que colocassem força independentemente do tamanho do objeto, e que, progressivamente, fossem refinando essas características de acordo com as propriedades dos objetos, tamanho, forma, textura e peso. “Ao final do primeiro ano já esperávamos que, para os objetos menores, eles usassem o movimento de pinça, ou a oposição do polegar com mais dedos, utilizassem os dígitos sem impor força em excesso”, explica Laísila.

INSTABILIDADE

De acordo com as docentes do CEFE, os resultados preliminares dos estudos apontaram que, ao passo em que a maioria das crianças desenvolve as habilidades analisadas com tranquilidade, algumas podem apresentar um certo grau de confusão na



execução de habilidades manipulativas que já haviam sido adquiridas. Esta dificuldade, explica Laísila Silva, foi registrada com maior frequência em bebês durante o desenvolvimento da postura ereta, na busca pelo equilíbrio em pé.

A professora Josiane Papst explica que já existem algumas pesquisas que fornecem hipóteses sobre o porquê de alguns bebês encontrarem dificuldades para desempenhar suas habilidades manipulativas nesta fase. Ao mesmo tempo, a professora pondera que esta característica isoladamente não deve ser interpretada como algo negativo. “Quando a criança assume essa independência para a habilidade de locomoção isso começa a influenciar na sua manipulação também. Não entendemos como negativo porque isso não é uma regressão, e sim uma adaptação, o que é positivo. Em determinado momento a criança abre mão de algumas coisas confortáveis para ela e então deixa de pegar um objeto de uma forma confortável, digamos, porque está adaptando o que ela consegue fazer para se locomover ao mesmo tempo” explica.

Esta busca por um padrão mais confortável é o que explica, também, o fato de alguns bebês em fase de adaptação em pé retornarem ao solo no momento em que estão manipulando brinquedos ou objetos que despertam a sua curiosidade, observaram as professoras. “É uma ideia de adaptação mesmo do comportamento até ele se sentir novamente mais estável e dominar bem aquela habilidade, então consideramos que ele está em um nível mais avançado. E assim segue até ele ter um novo desafio. Chamamos isso de instabilidade ou estabilidade do comportamento” explica Papst.

CONTROLE POSTURAL

“Pensando na premissa do desenvolvimento, é neste primeiro ano de vida que estamos criando repertório motor para utilizar essas habilidades motoras ao longo da vida”, destaca a Professora Laísila,

atualmente doutoranda da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Ela conta que ficou interessada em estudar o desenvolvimento das habilidades manipulativas justamente pela importância desta capacidade motora no cotidiano pessoal e profissional dos seres humanos. “Conseguimos hoje fazer um movimento de precisão tão mínimo de uma pinça, que é o que diferencia os homens dos outros mamíferos, e isso vem se desenvolvendo desde o primeiro ano de vida. Então é muito importante compreender o que acontece com essas habilidades manuais justamente por afetar tanto a nossa vida”, diz.

Neste sentido, pretende dar continuidade aos estudos sobre as habilidades manipulativas em bebês trazendo para projeto de Doutorado também a análise sobre o controle postural. O objetivo, conta, é entender quais fatores influenciam no controle postural e se existem outros atrelados ao desenvolvimento das habilidades manipulativas. “O foco vai ser justamente este período de transição, para explicar melhor o que acontece ali, algo que ainda não temos na literatura. Temos muitos artigos que explicam a sequência de desenvolvimento, mas não a explicação dessa variabilidade, dessa instabilidade, que ocorre neste período. Meu foco vai ser tentar explicar essa instabilidade”, conta a docente, que continuará realizando estudos para o Doutorado contando com o apoio do Grupo de Estudos em Desenvolvimento e Aprendizagem Motora (Gepedam), do CEFE.

Coordenado inicialmente pelas professoras Inara Marques, atualmente aposentada da UEL, e Josiane Papst, o grupo foi criado em 2004 para reunir os estudantes de graduação e pós-graduação interessados em linhas de pesquisa que envolvem avaliação motora e desenvolvimento, aprendizagem e controle dos movimentos. Mais informações sobre as pesquisas desenvolvidas pelo grupo de estudos podem ser encontradas no perfil @gepedam.uel, no Instagram.

Pedagogia da construção

A partir da observação de demandas em sala de aula, professor de Mecânica das Estruturas desenvolve material didático com metodologia construtivista



Professor Nilson Magagnin: projeto nasceu na sala de aula, a partir das dificuldades dos alunos

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

Em sua prática docente, o professor Nilson Magagnin Filho (Departamento de Estruturas) percebeu dificuldades de aprendizado em vários alunos, através das avaliações, o que redundava em reprovações, em mais de uma disciplina, e às vezes mais de uma vez. Notou ainda a falta de materiais didáticos mais adequados à aquisição do conhecimento. Basicamente, os alunos frequentavam aulas tradicionais, centradas na figura e no conhecimento do professor, que simplesmente transmite o que sabe aos estudantes, num processo de repetição e memorização.

Para mudar este cenário e promover uma aprendizagem mais eficiente, o professor criou e coordena o projeto de ensino “Aplicação de método baseado em Construtivismo no ensino de Mecânica das Estruturas para a Engenharia Civil”, disciplina do 2º ano do curso e que exige o domínio de Cálculo, outra matéria com números expressivos de reprovação.

O projeto objetiva a criação de material didático adequado para a construção do conhecimento, nos moldes da referida metodologia. Nela, o aluno exerce um papel ativo no processo de aprendizagem, que progride num processo lógico do conhecimento mais simples ao mais complexo. A ideia é que os alunos sejam apresentados a problemas e, com ajuda do material multimídia montado pelo professor, possam apresentar soluções, resultados, analisá-los e compará-los com possíveis alternativas, muitas vezes trazidas dentro da própria turma.

Por que Construtivismo? Nil-

son partiu da observação em sala de aula, das dificuldades de aprendizagem constatadas nas disciplinas e no desempenho indesejável nas avaliações. Não é preciso lembrar a importância do conhecimento em Estruturas na formação de um engenheiro civil ou arquiteto. O professor buscou então outras metodologias e encontrou o modelo construtivista, proposto pelo biólogo, psicólogo e epistemólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), muito

conhecido nas áreas de Pedagogia e Psicologia. Além deste, Nilson Magagnin pesquisou o russo Lev Vygotsky (1896-1934) e a argentina Emilia Ferrero (1936), outros dois expoentes do tema Aprendizagem. Ela, aliás, foi orientanda de Doutorado de Piaget.

SISTEMATIZAÇÃO

Na verdade, o material já existe em “estado bruto”. O professor possui grande quantidade de textos, imagens e esquemas, que já vinham sendo usados pontualmente em suas disciplinas. Assim, outro objetivo do projeto é sistematizar todo este conhecimento e material. Na prática: há textos manuscritos e imagens (projetos, croquis e outros) a serem digitalizados e organizados, a fim de montar uma ou mais “apostilas” e, quem sabe no futuro, livros.

Naturalmente, a pandemia atrapalhou, pois não havia alunos participando do projeto durante a quarentena. Mas o projeto abriu, este ano, inscrições para que estudantes

de Arquitetura e Urbanismo, e Engenharia Civil da UEL, possam atuar.

O professor Nilson pretende ainda fazer um estudo comparativo, colocando lado a lado os resultados das aulas com pedagogia tradicional com aquelas em que foi aplicada a metodologia construtivista. O critério será o desempenho nas respectivas avaliações. O fato de que o curso de Engenharia retornará ao sistema de créditos semestrais em 2024 é levado em conta pelo professor, e pode até ser um fator favorável no estudo comparativo.

Ao final, o que o coordenador do projeto visa é, segundo ele, vencer o desafio metodológico e melhorar o aprendizado dos alunos, aumentando seu interesse nas disciplinas e nos conhecimentos, assim como sua participação em sala de aula e em todas as fases do processo de construção do conhecimento, não como um fim em si mesmo, mas de uma forma que propicie o envolvimento e o próprio prazer de aprender.

1.1- VIGAS GERBER

1.1.1- Definições e Aspectos Gerais

Como já se sabe as vigas são barras retas e longas projetadas para suportar cargas aplicadas em vários pontos de sua extensão. Quando as cargas não são perpendiculares ao eixo da viga elas provocam esforço normal, porém, em geral, as cargas que estão sujeitas as vigas são perpendiculares a seu eixo e causam somente esforços cortantes e momentos fletores.

Como um caso particular têm-se as Vigas Gerber que são associações de vigas com estabilidade própria cada uma delas. Elas são compostas de conjuntos de vigas apoiadas umas sobre as outras possuindo estabilidade própria em separado e conferindo também o conjunto estabilidade como um todo. A figura abaixo ilustra uma viga Gerber.

Viga Gerber: idealização / representação

Viga Gerber: elevação

O ponto de apoio entre as duas vigas com estabilidade própria na figura anterior (ponto C) é um ponto de transmissão de forças somente, não havendo transmissão de momentos do trecho ABC para o CD e vice-versa. Isso se deve à característica dos apoios utilizados, que são do tipo que liberam a rotação no ponto de apoio, sendo então rótulas internas à estrutura.

Um exemplo de uso desse tipo de viga é mostrado nas figuras abaixo.

INTERCONEXÃO DO ANEL RODOVIÁRIO DE SÃO PAULO COM A RODOVIA CASTELLO BRANCO (CEBOLÃO)
Aparelhos de apoio de NEOPRENE, alguns com TEFLON
Projeto: Proenge Engenharia de Projetos S/C Ltda.
Construção: CBPO-Companhia Brasileira de Projetos e Obras.

Exemplo de esquemas do professor que serão digitalizados e sistematizados

A Constituição Federal sob as lentes da Economia Política

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

O senso comum e os 200 milhões de “economistas” no Brasil usualmente se arriscam a tentar explicar os cenários econômicos do país, não raro chegando à mesma conclusão: “É por isso que está assim!”. As teorias vão do apetite dos países imperialistas de hoje e sua aculturação imposta à colonização portuguesa do Brasil.

Há, porém, uma Ciência que se ocupa deste assunto: a Economia Política, que se dedica ao estudo de todo o processo econômico e de sua relação com a dinâmica da sociedade. O termo foi cunhado pelo economista francês Antoine de Montchrestien (1575-1621), em seu livro “Tratado de Economia Política”, de 1615. Atualmente, designa o estudo da influência da política e das instituições nos mercados, e vice-versa. Por isso, recorre aos pensadores da Teoria Política.

A Economia Política é o foco de estudos do professor Eduardo Henrique Lopes Figueiredo há muitos anos. É docente do Departamento de Direito Público desde 2006, ano em que concluiu o Doutorado na UFPR, em que realizou uma “investigação historiográfica do Direito e da Dominação”. Já seu pós-doutorado foi em Direito Econômico e Político, na Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo), concluído em 2020. Ali já se debruçou sobre a perspectiva econômica no Brasil no período pós-colonial (1808 em diante).

O professor coordena desde então o projeto de pesquisa “Estado e Subdesenvolvimento: considerações para um pensamento autêntico”, no qual retoma a crítica da Economia Política para compreendê-la historicamente, junto à ideia de um Estado nacional no qual é muito difícil (talvez impossível) dissociar modelos políticos de modelos econômicos, naturalmente com consequências sociais. Figueiredo dá um exemplo: a abolição da escravidão deixou um enorme contingente de ex-escravos sem direito algum, exceto a liberdade. Foi um caso em que o Estado não agiu por esta população, e não foi apenas em 1888.

Como dispõe o projeto, “a dimensão social da vida material se relaciona com tarefas estatais pressupostas para correção da exclusão. O Estado, por meio de seu Direito Público, deve corresponder à forma jurídica de uma economia política voltada para transformações estruturais”. Mas só para dar um exemplo, o direito de votar no Brasil Império esteve associado à renda (voto censitário).

Enfim, não é o que acontece na prática. Como bem observa o pesquisador, ainda hoje se flagram pessoas submetidas a trabalho análogo à escravidão, crime tipificado no artigo 149 do Código Penal. Segundo Figueiredo, estas ideias de opressão, racismo (que atinge etnias) e desvalorização dos trabalhos mais braçais são uma herança da mentalidade colonial europeia. Ou seja, faz mais de 200 anos que o período colonial acabou, mas modelos se mantêm, às vezes disfarçados, maquiados, tingidos de eufemismos.

ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS

Importantes acontecimentos ocorreram sobretudo desde o século XVIII, com sérios desdobramentos e alcan-

ce intercontinental. Um exemplo foi a Revolução Francesa, que mudou a política naquele país e gerou inovações jurídicas. O mesmo vale para a Revolução Industrial, na Inglaterra, que modificou completamente as relações trabalhistas, preferindo mão-de-obra operária do que escrava, ainda que severamente explorada. A independência dos Estados Unidos, em 1776, trouxe junto uma série de pensamentos sobre direitos e liberdades, muito embora a escravidão naquele país só tenha sido oficialmente abolida quase 90 anos depois. Ou não: o estado do Mississippi só o fez, oficialmente, há 10 anos.

Para o professor Eduardo Figueiredo, a contribuição da História para este entendimento é fundamental. “O historiador é aquele que trabalha da consciência para a ação”, ou seja, desnuda os fatos e lança luz sobre os discursos construídos ao longo do tempo. Por isso o pesquisador destaca a importância de que todos tenham consciência da origem de cada expressão cultural, dos jogos às comidas; das palavras às leis.

Com esta consciência, os cidadãos podem identificar e compreender, por exemplo, de onde vêm os estatutos e conceitos da Carta Magna do Brasil. Muitas ideias, salienta o pesquisador, vêm de fora: dos Estados Unidos ou da Europa, isto é, ainda numa visão que enxerga o Brasil como colônia a ser explorada. Aí a pergunta: que tipo de desenvolvimento pode resultar desta perspectiva?

Novamente vem a ideia de que muitas vezes o Estado não age quando deveria fazê-lo. Ele exemplifica ao citar o período mais crítico da pandemia, em que se verificou a ausência do Estado em muitos momentos. “Vacinas demoraram, a gravidade da doença foi minimizada e até virou piada (de mau gosto). Recentemente, descobriu-se que lotes inteiros de vacinas foram simplesmente destruídos”, diz.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL

Estatuto jurídico maior da nação brasileira, a Constituição Federal não representa apenas um conjunto de leis, mas é fruto de um contexto político, social e econômico do país, influenciado pelas leis de outros países, como os Estados Unidos, e pelo Direito anglo-saxão.

O artigo 3º diz que “constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: I - construir uma sociedade livre, justa e solidária; II - garantir o desenvolvimento nacional; III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”.

O que a realidade mostra, diferentemente, são modelos econômicos excludentes, desigualdade de oportunidades e até a romantização do sucesso profissional. O professor Eduardo fala do sentimento de “pertencimento” construído no imaginário para “ludibriar a pobreza”. “Os pobres se sentem como qualquer outro cidadão... durante o Carnaval. Nos outros 360 dias do ano, são vulneráveis e excluídos”, expõe. É o descompasso entre a “moldagem imaginária” feita pelos discursos desenvolvimentistas e a realidade de um Estado mais caracterizado pelas relações de poder do que de serviço.



“Muitas vezes o Estado é ausente”, resume o professor Eduardo Figueiredo quanto à atuação do poder público.

Projeto de pesquisa busca na História da Economia Política a compreensão do modelo e desenvolvimento do Brasil desde o período colonial

O sentido de ser artista, professor e pesquisador

Projeto se fundamenta na Filosofia de Martin Heidegger e se materializa em peças de gravura para refletir sobre a formação artística em suas três dimensões

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

O filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) é um dos pensadores mais conhecidos e, como tal, perscrutou uma variedade de temas, da política à arte, passando pela linguagem e pela metafísica. Foi justamente em seu pensamento que o professor Claudio Luiz Garcia (Departamento de Arte Visual) descobriu algumas respostas (e mais indagações) associadas ao sentido de ser professor, artista (ou, como ele prefere, “criador”, pois um artista nunca está pronto) e pesquisador, “na” formação de professores de artes, ‘para’ artistas em formação e ‘com’ professores em formação continuada”.

Garcia coordena o projeto de pesquisa “Os livros de horas, hoje: livro de artista, de professor, de pesquisador”, em fase de encerramento (conclui em julho próximo) e entrega de relatório final. O projeto teve início há cinco anos, mas a pesquisa do professor é bem mais antiga e nasceu da prática em sala de aula. Além de aplicar o projeto na prática docente cotidiana, já rendeu trabalhos apresentados em eventos acadêmicos e artigos publicados.

Docente de xilogravura (1º ano) e gravura em metal (4º ano), o professor provocava discussões de textos, tanto no ensino quanto em projetos anteriores. Muitos debates chegavam a pesquisas de trabalhos de conclusão de cursos (ou outros), em estudos sobre a ligação entre textos verbais e imagéticos.

Com o objetivo de expandir as discussões, o professor entrou em outras áreas do conhecimento, como a poesia, e acabou encontrando a Filosofia de Heidegger. Sua tese de Doutorado, defendida em 2010 na Universidade de Campinas, intitula-se “Livros de Horas: experiências artísticas, pesquisa e ensino” e sintetiza o objeto de que sua trajetória de estudos vem se ocupando.

Mas o que são os “livros de horas”? São livros devocionais, notadamente familiares, surgidos no final da Idade Média, ricamente ilustra-



Claudio Garcia: o sentido de ser aparece no momento da avaliação do trabalho do aluno

dos, que continham principalmente orações, mas também calendário de festas de santos, liturgias e outros conteúdos devocionais. Quanto mais rica a família que encomendasse um livro, mais opulento ele seria. O mais famoso deles é “As Riquíssimas Horas do Duque de Berry”, do início do século XV.

No caso do professor, seus livros não reúnem orações ou narrativas hagiográficas, mas textos de próprio punho e cópias impressas de seus próprios trabalhos em gravura em cobre (as “provas de estado”), em páginas de material que imita tecido e parecem desgastadas com o tempo. São livros em vários tamanhos e diferentes números de páginas. Em suas páginas, o próprio Garcia reconhece: há um caos, que pode se originar numa crise.

REFLEXÃO E CRISE

É ali que se encontram pistas para esta reflexão existencial (que pode conduzir à crise) em torno da

temática do ser (criador, professor, etc.) Boa parte das gravuras é de retratos e, como explica o professor, a arte da gravura requer um processo lento de trabalho, em que o criador precisa fazer sem pressa e passar um tempo com a obra em criação. Pensando nas atuais gerações, sempre apressadas e desejosas de gastar mais tempo conectadas do que em outras atividades (como leitura de textos acadêmicos), é mais um ponto de discussão em sala de aula.

O coordenador do projeto conta que o quinto capítulo do livro “Ser e tempo” de Heidegger, publicado em 1927, é particularmente útil. Na verdade, “o ponto em torno do qual o pensamento, as leituras e as conversas se dão em uma consciência entre o fazer e o pensamento lançado numa prática poética”, afirma, alcançando, em suas palavras, “uma análise temática do ‘ser-em’”.

Três conceitos importantes para o projeto surgem no texto do filósofo alemão: o falatório, a curiosidade e a

ambiguidade. O primeiro atua no nível do discurso (linguagem, modo de ver e interpretar o cotidiano); o segundo, nas relações entre a ansiedade do artista e as imagens já existentes ou que virão a existir: uma curiosidade insaciável. E por fim, o terceiro: a ambiguidade põe em xeque todas as certezas presumidas.

O professor explica que os alunos não produzem seus próprios livros, embora possam. O ponto é que, ainda assim, as atividades os fazem confrontar tanto com o conteúdo das disciplinas quanto o próprio modo de fazer e o que significa este fazer. Toda esta reflexão é avaliada, segundo ele, no momento da avaliação do produto, da obra, da gravura produzida pelos alunos.

Não se trata, então, de aprovar ou reprovar, mas avaliar o grau de envolvimento dos alunos com sua própria produção e formação. “O sentido de ser aparece na avaliação. Não como artista, mas como estado de arte”, pondera Garcia.

Ciências Contábeis

O curso de Ciências Contábeis realiza, nos dias 2 a 5 de maio, em formato híbrido, a 19ª



Jornada Acadêmica de Estudos Contábeis. Parte da programação será no Anfiteatro Cyro Grossi (CCB) e parte no Canal do Youtube do Departamento de Ciências Contábeis: bit.ly/3kwmw1G. Entre os objetivos, estão buscar o aperfeiçoamento comunicativo dos discentes através da

exposição em público das ideias inerentes à pesquisa científica e desenvolver o desejo de aperfeiçoamento cultural e profissional através da divulgação de conhecimentos científicos e técnicos. O evento é aberto a todos os interessados e as inscrições podem ser feitas até 25 de abril. Mais informações podem ser obtidas no endereço <https://sites.uel.br/jaec/>.

Educação Física Escolar

Serão realizados, de 9 a 12 de maio, o 11º CONPEF (Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar) e 6º Congresso Nacional de Formação de Professores da Educação Física. O tema dos eventos é “Educação Física Escolar: contextualizar e integrar a cultura das humanidades e a cultura científica como princípios organizadores do ensino”.

A programação prevê conferências, cursos e oficinas, e apresentações culturais. As inscrições podem ser feitas até a abertura dos eventos. Mais informações no site <http://www.uel.br/eventos/conpef>.

Agricultura e inovação

De 8 a 12 de maio, acontece o X SACA – Simpósio de Atualização em Ciências Agrônomicas. O evento é promovido

anualmente desde 2012 e já foi realizado com sucesso nove vezes, alcançando o público de mais de 500 participantes por evento. O objetivo é apresentar novas tecnologias da área agrícola, trazer à realidade dos alunos temas pouco discutidos em aulas e atualizar os profissionais formados e atuantes em empresas do setor sobre as principais linhas de pesquisa e extensão na área agrônômica, promovendo o contato entre os alunos de Agronomia e esses profissionais.

O evento oferece ao participante, palestras nas diversas áreas do setor agrônômico, mesas redondas, minicursos, visitas técnicas, apresentação de pôsteres e quiz. Mais informações podem ser obtidas no site do evento:

<http://www.uel.br/eventos/saca/>.

Espaço literário

A UEL sediará, em setembro, a XI Jornada Internacional de Estudos sobre o Espaço Literário. O evento é uma realização do TOPUS – Grupo Interinstitucional de Pesquisa sobre Espaço, Literatura e Outras Artes, com sede situada na Universidade de Brasília, em parceria com instituições portuguesas.

Nos anos ímpares, a Jornada ocorre no Brasil e nos anos pares em Portugal. No Brasil, homenageia um escritor português. Em Portugal, presta homenagem a um escritor brasileiro. Neste ano, a XI JOEEL será presencial e o tema central é: O tema das águas na Literatura e outras artes.

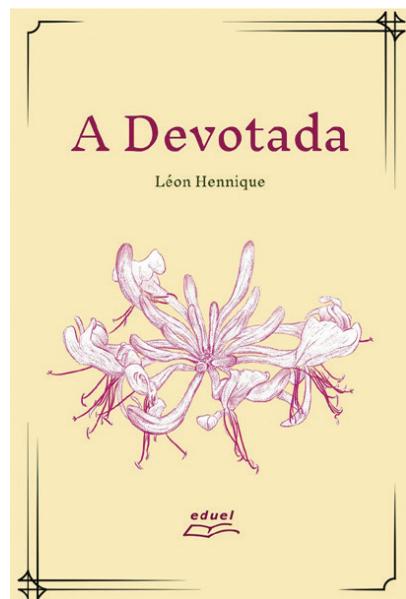
Mais informações podem ser obtidas no seguinte endereço:

<https://www.even3.com.br/xi-joeel/>.

PRATELEIRA



Publicações da EDUEL



A Devotada - La dévouée

Autor: Léon Hennique.

Tradução: Carlos Alberto da Fonseca.

2022, 212 páginas

R\$58,00

Com título original La dévouée, a obra de autoria do romancista e dramaturgo Léon Hennique (1850-1935) é um romance naturalista. Ela tem como personagens Jeoffrin e suas filhas, Michelle e Pauline. Elas herdam cem mil francos de um tio e a partir daí nasce o enredo da história que culmina em um crime.

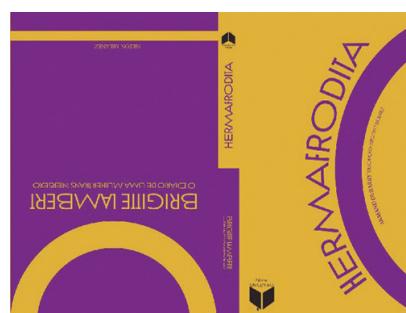
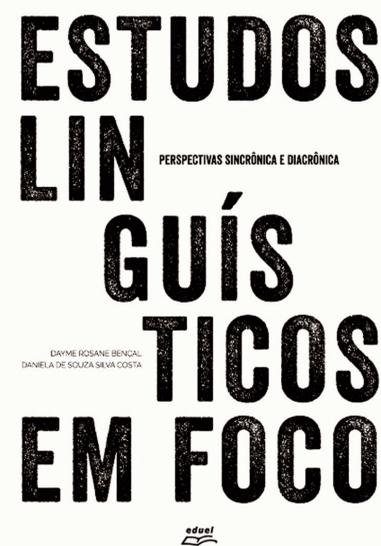
Estudos Linguísticos em foco: perspectivas sincrônica e diacrônica

Autoras: Dayme Rosane Bençal e Daniela de Souza Silva Costa.

2019, 414 páginas.

R\$90,00

Com 16 capítulos, o livro apresenta temas das áreas de Dialetoleologia, Sociolinguística e Linguística Histórica e faz homenagem à professora e pesquisadora da UEL, Fabiane Cristina Altino. O objetivo é disseminar os resultados de inúmeros trabalhos com vistas a contribuir para a formação de estudantes da graduação e da pós-graduação em estudos linguísticos e interessados em análise e descrição linguística.



A Hermafrodita (L'Hermaphrodite, 1896) / Brigitte Lambert – O Diário de uma mulher trans intersexo - Eduel/Editora UNICENTRO

Autor: Armand Dubarry.

Tradução: Nilton Milanez.

2022, 224 páginas.

R\$60,00

A obra é a tradução do romance francês A hermafrodita (L'Hermaphrodite, 1896) de Armand Dubarry, que se baseia no diário de Herculine Barbin. A tradução, feita por Nilton Milanez, foi realizada considerando as condições de produção da escrita Dubarry. O segundo projeto, no mesmo livro, é o estudo “Brigitte Lambert: o diário de uma mulher trans intersexo”, que traz questões materializadas no livro.

Livraria da Eduel fica aberta até as 19h

A Livraria da Eduel adota novo horário de funcionamento e fica uma hora a mais aberta. Portanto, o setor passa a funcionar das 8h às 19h, de segunda a sexta-feira. Localizada no Campus Universitário, perto da Biblioteca Central (BC), a livraria comercializa mais de 600 títulos em diversas áreas do conhecimento.

Fique por dentro dos lançamentos da Eduel, acesse o site www.eduel.com.br e confira lançamentos, dicas de leituras e novidades nas redes sociais: @editoraeduel e Eduel Uel (facebook). Contatos: livrariaeduel@uel.br / (43) 3371 4691.

Livraria Eduel



A EDUEL é uma editora universitária filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU), Associação Brasileira de Direitos Reprográficos (ABDR) e Câmara Brasileira do Livro (CBL). (43) 3371 4673 ou eduel@uel.br

A dor além da terceira margem do rio

Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas coordena projeto que estuda a melancolia em obras de diferentes períodos e movimentos estéticos

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

Hipócrates (460-377 a.C.), o Pai da Medicina, acreditava que a influência excessiva de Cronos, o tempo (Saturno, na mitologia romana), aumentava a produção de bilis negra no organismo humano, e provocava um estado de desânimo profundo e doloroso, o desinteresse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a redução da autoestima e uma atração pela morte: a melancolia um estado muito pior do que aquele que hoje se diagnostica como depressão.

Como expressão humana, a Literatura tem inúmeros exemplos de personagens (e autores) marcados pela melancolia, a tal ponto que chegam a se suicidar. Encontrar tais marcas enunciativas nas narrativas literárias é o objetivo principal do projeto de pesquisa “Uma leitura psicanalítica de algumas personagens melancólicas na Literatura”, coordenado pelo professor Gustavo Javier Figliolo, do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas.

Este tem sido o objeto de pesquisa do professor desde os anos 90, quando ingressou nas faculdades de Psicologia e Letras, em Buenos Aires – cursos que veio a concluir no Brasil, por ter se mudado para cá. Em seu Doutorado em Letras pela UEL (concluído em 2015), defendeu a tese “Horácio Quiroga: luto e melancolia para uma sintaxe da morte”, na qual enfocou os temas de morte e suicídio na obra do autor uruguaio (1878-1937), que também terminou com a própria vida.

O professor Gustavo busca nas narrativas, falas, atitudes e silêncios que

apontam para um estado patológico de melancolia. Situações como a perda do objeto de desejo, a ambivalência emocional (amor e ódio) e o narcisismo (sob diferentes manifestações) são exemplos. “Os personagens têm seu ego desestruturado, passam por uma autorrecriminação e acabam sucumbindo, muitas vezes chegando ao suicídio”, explica.

Para iluminar estes estudos, o professor recorre a conceitos da teoria psicanalítica freudiana, como a “pulsão de morte” (em oposição à “pulsão de vida”), ou seja, os impulsos psíquicos que direcionam o indivíduo para uma ou para a outra.

Na Literatura analisada, o pesquisador percebeu que nem sempre o suicídio é um ato instantâneo. Um exemplo é um personagem que se entrega ao álcool, matando-se aos poucos. Mas, quase sempre, a razão da busca pela morte é a fuga da dor.

OBRAS

Entre outras, o professor destaca algumas obras estudadas. “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa (1908-1967), publicado em 1962 e considerado por parte da Crítica como o melhor conto brasileiro. Narrado em primeira pessoa (o filho do protagonista), conta a história de um homem que decide abandonar a família e tudo o mais para viver numa pequena canoa, num grande rio. Naturalmente, sua aparência se desumaniza: os cabelos crescem nada cuidados, as unhas ficam enormes, veste trapos ou fica quase nu, fica queimado de sol e muito magro. Quanto à referida “terceira margem”, ela parece existir apenas na mente do

homem. Para a Psicanálise, há uma boa quantidade de arquétipos a partir dos quais realizar uma análise: rio, barco, etc.

Outra obra mencionada pelo professor Gustavo é “O sonho de um homem ridículo”, conto do escritor russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881) publicado em 1877. Narra as experiências do protagonista a partir do momento em que conclui que não há mais nada para viver, nada mais tem importância e, assim, decide cometer suicídio. Num sonho, ele se mata mas continua consciente do entorno, e a história vai se desenvolvendo.

“Esvaziamento”, de Clarice Lispector (1920-1977), é outro exemplo. Fala de um amor frustrado, não correspondido, e de dor. Para o pesquisador, trata-se de uma “saudades melancólica”. Diferente da “saudades nostálgica” (daquilo que foi), a melancólica se refere àquilo que não foi, que não chegou a acontecer, não existiu a não ser no desejo.

E, é claro, o escritor Horácio Quiroga não está de fora: 10 contos do uruguaio foram analisados no Doutorado e continuam no projeto, como “O travesseiro [ou Almofada] de penas” (1907), que narra um casamento sem amor e a morte por uma doença que tanto pode ser entendida por razões físicas (médicas) quanto da alma.

CONTEXTOS

Na avaliação do professor Gustavo, o contexto sociopolítico e cultural

pode influenciar as marcas enunciativas encontradas nas obras, da mesma forma como as obras influenciam a sociedade. Exemplo está no chamado “Efeito Werther”, referente à onda de suicídios na Alemanha após a publicação do livro “Os sofrimentos do jovem Werther” (1774), de Wolfgang von Goethe (1749-1832).

No Romantismo, explica o pesquisador, a morte era dramática mas tinha seu valor positivo. Era um clímax esperado e valorizado. Já no Realismo, o suicídio era mal visto. Igualmente, havia diferentes perspectivas entre a literatura americana e a europeia ou russa.

E ainda, como no caso de Quiroga, houve outros escritores que também atentaram contra a própria vida, como Ernest Hemingway (1899-1961), Virginia Woolf (1882-1941), Camilo Castelo Branco (1825-1890), e John Berryman (1914-1972).

PRODUÇÃO

De acordo com Gustavo, o projeto já rendeu várias apresentações em eventos científicos, publicações e orientações de Iniciação Científica. A pesquisa conta com participação de alunos de graduação e colaboradores externos das duas áreas: Literatura e Psicologia. E embora o projeto tenha duração prevista até fevereiro de 2024, o professor já tem em mente o próximo, ainda sobre a pulsão da morte na Literatura, mas não mais com a melancolia, e sim com outros impulsos, como a agressividade. Fica na outra margem do rio.

